

**MIGRAÇÕES VENEZUELANAS NO OESTE DE SANTA CATARINA:
TRAJETÓRIAS MIGRANTES**

**LEONARDO ANTONIO HERNANDEZ CAMPOS^{1,2}, DOUGLAS SATIRIO DA
ROCHA³ LEONARDO RAFAEL SANTOS LEITÃO⁴, VICENTE NEVES DA SILVA
RIBEIRO^{2,5}**

1 Introdução

Em janeiro de 2026, diante da escalada da crise política venezuelana, a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina divulgou nota afirmando que a indústria catarinense conta com a força de trabalho de venezuelanos para preencher vagas e atender à demanda crescente por mão de obra (Betoni; Ribeiro, 2026). O pronunciamento sintetiza o problema que esta pesquisa investiga. Um deslocamento originado a milhares de quilômetros da fronteira sul do Brasil tornou-se, em poucos anos, elemento constitutivo do mercado de trabalho de uma região com grande presença da agroindústria frigorífica.

Estima-se em 7,89 milhões o número de pessoas que deixaram a Venezuela desde meados da década passada. No Brasil, a população imigrante passou de 592.448 para 1.009.341 pessoas entre 2010 e 2022, e os venezuelanos responderam por mais de um quarto desse contingente (IBGE, 2025). A entrada ocorre majoritariamente pela fronteira de Roraima, e a concentração dessa população em Boa Vista motivou a criação da Operação Acolhida em 2018, organizada em torno do ordenamento de fronteira, do abrigamento e da interiorização. Esse último eixo redistribuiu migrantes para outras unidades da federação e explica boa parte da presença venezuelana no Sul do país. Entre maio de 2018 e janeiro de 2026, 157.740 pessoas foram deslocadas por essa via, mais da metade delas para a região Sul. Santa Catarina lidera entre os estados receptores, com 34.662 registros, e a região Oeste concentra o maior contingente estadual (Ribeiro; Betoni, 2025; Betoni; Ribeiro, 2026).

1 Estudante do Ensino Médio, E.E.B. Tancredo de Almeida Neves, Chapecó, SC. **Bolsista de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM/CNPq)**. Contato: theleo2930@gmail.com

2 Grupo de Estudos em Crítica da Economia Política.

3 Mestre em História, docente da E.E.B. Tancredo de Almeida Neves, **Coorientador**.

4 Doutor em Sociologia, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, **Coorientador**.

5 Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó. **Orientador**.

Três contribuições teóricas orientam a leitura desse processo. Sayad (1998) define o imigrante como força de trabalho provisória, tolerada na sociedade de destino enquanto for útil à economia. Gaudemar (1977) identifica na mobilidade a característica fundamental da força de trabalho no capitalismo, de modo que os movimentos migratórios expressam espacialmente uma mobilidade estruturante. Castles, de Haas e Miller (2020) acrescentam que a demanda por trabalhadores migrantes em ocupações específicas precisa ser tratada como construção social, e não como dado natural do mercado.

Este resumo apresenta resultados parciais de subprojeto de iniciação científica no ensino médio e guarda uma particularidade metodológica. O bolsista é ele próprio venezuelano, reside em Chapecó há vários anos e ingressou recentemente na agroindústria como jovem aprendiz. Sua trajetória deixou de ser apenas condição de acesso ao campo e passou a integrar o material da pesquisa.

2 Objetivos

A pesquisa analisa a migração de venezuelanos para a região Oeste de Santa Catarina. De modo específico, discute a bibliografia sobre migrações contemporâneas, mapeia a presença venezuelana por meio de fontes administrativas e reconstitui trajetórias migrantes a partir de entrevistas. Nesta edição da bolsa, as entrevistas estendem-se a municípios distintos de Chapecó, com atenção a Concórdia, São Miguel do Oeste e Itapiranga, e o levantamento incorpora registros da assistência social e da educação. Um terceiro objetivo formulou-se no decorrer da execução, o de examinar a trajetória do próprio estudante pesquisador como via de acesso à experiência migrante e ao trabalho na agroindústria.

3 Metodologia

A pesquisa combina tratamento quantitativo de registros administrativos e reconstituição qualitativa de trajetórias. A Relação Anual de Informações Sociais e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados permitem observar a inserção laboral formal em escalas territoriais distintas, enquanto o Sistema de Registro Nacional Migratório e os painéis de monitoramento da interiorização completam o quadro. Todas essas bases têm limites conhecidos. A RAIS registra apenas vínculos formais declarados pelas empresas, e o SISMIGRA exclui pessoas indocumentadas e refugiados reconhecidos, restrição significativa

no caso venezuelano (Betoni; Ribeiro, 2026). O plano qualitativo apoia-se em entrevistas orientadas pela noção de trajetória, que buscam reconstruir o encadeamento entre as condições de saída da Venezuela, o percurso até o destino e as formas de inserção laboral e comunitária na região.

4 Resultados e Discussão

Os dados da RAIS de 2024 confirmam a centralidade catarinense e regional. Dos cerca de 171 mil vínculos formais de venezuelanos no Brasil, aproximadamente 50 mil localizam-se em Santa Catarina, quase 30% do total nacional. A Região Geográfica Intermediária de Chapecó concentrava mais de 23 mil desses vínculos, ante 56 registros em 2018 (Betoni; Ribeiro, 2026).

A distribuição setorial mostra que essa inserção não é difusa. Em sete dos dez municípios com maior participação relativa de venezuelanos no mercado formal, o grupo CNAE de abate e fabricação de produtos de carne responde por mais de 80% dos vínculos, chegando a 93,04% em Guatambu e 91,93% em Itapiranga. Em Guatambu, os venezuelanos correspondem a 34,76% de todos os vínculos formais do município. Nove desses dez municípios situam-se na RGInt de Chapecó e predominam entre eles cidades pequenas e médias, o que indica que a interiorização não se dirige às metrópoles, mas a centros urbanos inseridos em cadeias produtivas específicas. A modalidade Vaga de Emprego Sinalizada, na qual o deslocamento ocorre com indicação prévia de vaga formal no destino, torna visível essa articulação entre política migratória e demanda empresarial. Demétrio e Baeninger (2023) nomeiam o arranjo como recrutamento humanitário, mediação institucional que conecta abrigos, agências internacionais, Forças Armadas, organizações religiosas e empresas da agroindústria.

Vale por fim destacar que a trajetória do próprio bolsista permite examinar esse quadro a partir de dentro. Residente no Brasil há vários anos e radicado em Chapecó, ele realizou sua primeira viagem de volta à Venezuela, onde reencontrou familiares que permaneceram no país. A narrativa organiza-se menos em torno da nostalgia do lugar de origem e mais em torno da constatação de que as dificuldades que motivaram a saída seguem operando.

Essa experiência oferece elemento empírico para discutir a ilusão do retorno formulada por Sayad (1998). A viagem não se converteu em retorno, mas em visita, e é essa conversão que revela o caráter definitivo de uma migração vivida como provisória. O deslocamento de volta permitiu ao estudante medir a distância entre a Venezuela que deixou e aquela que encontrou, e reposicionar Chapecó como lugar de vida, não de espera.

5 Conclusão

O Oeste de Santa Catarina consolidou-se como principal destino da migração venezuelana no Brasil, resultado da convergência entre a política de interiorização conduzida pelo Estado e a demanda de mão de obra da agroindústria frigorífica. Os registros administrativos dimensionam essa presença, mas não alcançam o modo como as pessoas experimentam o percurso.

A trajetória do estudante pesquisador contribui nesse ponto. Seu relato articula duas dimensões que a análise costuma tratar separadamente, a persistência da crise no país de origem e as condições concretas de inserção no destino, e ilumina a tensão entre a mobilidade formalmente livre do trabalhador migrante e a compulsão material que a organiza (Gaudemar, 1977). As entrevistas nos demais municípios e a incorporação dos registros da assistência social e da educação devem ampliar o alcance dessas observações.

Referências Bibliográficas

BETONI, Camila Souza; RIBEIRO, Vicente Neves da Silva. Acolher para trabalhar: migração venezuelana e demanda por força de trabalho em Santa Catarina. In: BENDER, Mateus; LAPA, Thaís de Souza (org.). **Trabalho e direitos em Santa Catarina**: abordagens sociológicas. Araucária: Editora Sorian, 2026. p. 53-74.

CASTLES, Stephen; DE HAAS, Hein; MILLER, Mark J. **The age of migration**: international population movements in the modern world. 6. ed. Londres: Red Globe Press, 2020.

DEMÉTRIO, Natália Belmonte; BAENINGER, Rosana. Trabalho nos frigoríficos do Brasil: a constituição do precariado migrante e o papel do recrutamento humanitário. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 6, 2023.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: fecundidade e migração. Resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LEITÃO, Leonardo Rafael Santos; RIBEIRO, Vicente Neves da Silva. Trajetórias migrantes, trajetórias sociais: diálogos com Bourdieu e Sayad. **Revista Grifos**, v. 35, n. 63, p. 1-15, 2025.

RIBEIRO, Vicente; BETONI, Camila. Interiorização e trabalho na Operação Acolhida: uma análise da migração venezuelana no Oeste de Santa Catarina (2018-2024). **PerCursos**, Florianópolis, v. 26, e0318, 2025.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da USP, 1998.

Palavras-chave: Migração venezuelana; Oeste de Santa Catarina; Trabalho; Trajetórias; Operação Acolhida.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0536

Financiamento: CNPq, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM), Edital nº 68/GR/UFFS/2025.

